

CENTRO DE TREINAMENTO PARA CÃES-GUIA NA GRANDE CURITIBA-PR.

Julia Parisoto Cury
Juliana Aparecida Biasi
Jeferson Eduardo Suckow
Tatiana Fabian

Resumo

O presente artigo busca relatar os resultados advindos de uma pesquisa acerca da deficiência visual, condição que afeta milhões de pessoas e acarreta limitações significativas à autonomia, mobilidade e participação social. O estudo apresenta ainda uma investigação teórica sobre o treinamento de cães-guia e seus benefícios, com o intuito de subsidiar a proposta de criação de um centro especializado na cidade de Curitiba. Atualmente, nem o estado do Paraná nem sua capital dispõem de estruturas voltadas à formação desses animais, sendo que a instituição mais próxima, localizada em Balneário Camboriú, possui capacidade reduzida para atender à demanda regional. A abordagem exhibe que apenas 14 estados brasileiros contam com cães-guia em atividade, o que reforça a insuficiência dos serviços disponíveis. Acredita-se que a implantação de um centro de treinamento de cães-guia em Curitiba somaria positivamente para ampliar o acesso ao serviço, bem como promover maior autonomia às pessoas.

Palavras-chave: Cão-guia. Deficiência Visual. Acessibilidade. Autonomia. Inclusão Social.

1 INTRODUÇÃO

A temática abordada neste trabalho volta-se para a importância da mobilidade e da autonomia das pessoas com deficiência visual, e interfere diretamente em sua participação social. A deficiência visual precisa ser entendida como uma realidade que ultrapassa o campo sensorial, alcançando dimensões emocionais e psicológicas, pois limita o deslocamento seguro, o acesso à informação e a interação com o ambiente. Estimativas indicam que 1,3 bilhão de pessoas apresentam algum nível de comprometimento visual, sendo 36 milhões totalmente cegas, o que pode gerar dependência, insegurança e isolamento social (IBGE, 2010).

A mobilidade da pessoa com deficiência visual envolve diferentes recursos, entre eles os cães-guia, cuja função é orientar o usuário, identificar obstáculos e favorecer deslocamentos mais seguros. Esse é um processo fundamental, pois amplia a autonomia, fortalece a autoconfiança e contribui para a inclusão. Além da função prática, os cães-guia proporcionam benefícios socioemocionais, já que o vínculo estabelecido oferece companhia, estabilidade e redução da solidão” (Martinez apud Teixeira, 2023).

Com o propósito de compreender a relevância dos cães-guia, o presente estudo baseou-se em análises documentais e bibliográficas, que permitiram observar seus impactos na autonomia e na qualidade de vida dos usuários. As pesquisas realizadas demonstram que o treinamento desses animais é cuidadoso e envolve socialização, aprendizagem de comandos e desenvolvimento de habilidades específicas.

A análise realizada permitiu compreender a importância da ampliação do acesso ao cão-guia no Brasil, visto que a oferta desse serviço ainda é limitada e impede que muitas pessoas visualmente comprometidas usufruam

desse recurso essencial. Essa constatação reforça a necessidade de investimentos em centros especializados e políticas públicas que garantam atendimento mais amplo.

De forma geral, pode-se afirmar que o cão-guia constitui um recurso fundamental de acessibilidade, pois promove mobilidade, segurança e bem-estar emocional. Garantir esse acesso contribui significativamente para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e acessível.

2 DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do projeto de um Centro de Treinamento para Cães-Guia em Curitiba, propõe a premissa da melhoria de vida de pessoas deficientes visuais e a devolução da autonomia a quem perdeu a visão e, com ela, parte essencial de sua liberdade cotidiana. A partir dessa questão inicial, a pesquisa que fundamenta este projeto revelou um panorama muito mais amplo do que se poderia imaginar. No Brasil, há mais de 6,5 milhões de pessoas convivendo com algum grau de deficiência visual, e somente na região de Curitiba esse número ultrapassa 40 mil indivíduos (IBGE, 2010). Esses dados, embora expressivos, representam vidas marcadas por desafios diários, e obstáculos urbanos que dificultam desde simples deslocamentos até a realização de tarefas básicas, desencadeando consequências emocionais severas.

Outro aspecto relevante foi a fila de espera por cães-guia no país: Segundo o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (2023), "hoje, o Brasil tem em torno de 7 milhões de deficientes visuais e apenas 200 cães-guia. Essa discrepância vai muito além da estatística; ela simboliza a distância entre

viver com autonomia ou depender constantemente de terceiros. Assim, compreendeu-se que o projeto não poderia restringir-se a oferecer um espaço técnico de treinamento, mas sim constituir-se como um ambiente sensível que acolhesse indivíduos, entendesse suas fragilidades e possibilitasse, junto ao cão, a reconstrução da confiança e da liberdade de deslocamento.

Ao aprofundar o estudo, evidenciou-se a dimensão emocional da deficiência visual, tanto a pessoa com cegueira congênita, mas especialmente no caso de pessoas que perderam a visão ao longo da vida. A ausência desse sentido causa um impacto profundo, já que, de acordo com Meeks, Anderson e Bell (2023), o olho humano fornece orientação visual e espacial, sendo responsável por cerca de 80% dos estímulos sensoriais necessários para manter a orientação. Quando essa referência desaparece, o mundo ao redor parece se tornar hostil, imprevisível e, muitas vezes, assustador. Relatos frequentes mencionam sentimentos de isolamento, tristeza intensa e medo constante de tropeçar, cair ou se perder. Nesse contexto, o cão-guia desempenha um papel muito além do auxílio físico: ele se torna companheiro, mediador social e ponto de equilíbrio emocional.

No âmbito legal, a Lei nº 11.126/2005 assegura o direito de circulação de pessoas com deficiência visual acompanhadas de cães-guia em qualquer ambiente público ou privado de uso coletivo (BRASIL, 2005; BRASIL, 2006). Apesar disso, ainda há desconhecimento, resistência e preconceito em diversos espaços, o que reforça a necessidade de centros que não apenas treinam cães, mas também incentivam a educação social e contribuem para a transformação cultural necessária para acolher plenamente essas duplas.

O estudo de instituições já existentes no Brasil trouxe outro ponto crítico: a região Sul praticamente não dispõe de centros especializados no treinamento de cães-guia. Isso faz com que muitos indivíduos precisem viajar longas distâncias, arcar com gastos elevados ou, simplesmente, desistir da possibilidade de conquistar maior autonomia. A visita técnica a uma treinadora da escola Helen Keller — uma das principais referências nacionais — enriqueceu a compreensão sobre as particularidades envolvidas no processo de treinamento. Observações práticas revelaram nuances importantes, como a sensibilidade dos cães a ruídos, a influência direta da arquitetura no comportamento animal, e a necessidade de ambientes tranquilos para a construção de vínculos.

Dentro desse cenário, Curitiba mostrou-se uma cidade adequada para abrigar o centro. A capital paranaense possui tradição urbanística voltada à acessibilidade, sistema de transporte público amplo e uma rede consistente de áreas verdes. Estudos de zoneamento, topografia e mobilidade urbana identificaram terrenos compatíveis com a proposta, enquanto análises bioclimáticas direcionaram soluções para conforto térmico, ventilação e sustentabilidade — fundamentais tanto para os usuários quanto para os cães.

A partir dessas bases, o conceito do projeto tomou forma. Ele se fundamenta na ideia de que treinar cães-guia significa, também, cuidar das pessoas que caminham com eles. Assim, o edifício foi pensado não apenas como um espaço técnico, mas como um ambiente sensível aos estímulos que guiam pessoas com deficiência visual: sons suaves, aromas reconhecíveis, texturas que orientam e espaços que acolhem emocionalmente.

O partido arquitetônico materializa essa intenção por meio de decisões que priorizam autonomia e conforto. A edificação é completamente térrea, evitando barreiras como escadas e desníveis. Em cada área externa dos, foi incluído um pequeno espelho d'água, produzindo um som contínuo que auxilia na orientação auditiva e cria um ambiente mais tranquilo. Ao redor, plantas aromáticas, como as lavandas, ajudam na construção de referências olfativas que guiam e acolhem os usuários.

Os quartos foram posicionados próximos aos studios para garantir proximidade entre usuários e acompanhantes, oferecendo conforto emocional durante o período de socialização no centro. E a área de convivência integra esses ambientes e funciona como ponto de encontro, descanso e troca afetiva entre os hóspedes com seus acompanhantes e os próprios cães. É um espaço pensado para favorecer interações espontâneas e reforçar vínculos.

No centro do projeto está o pátio interno, visível já a partir da recepção. Quem entra no centro percebe imediatamente a presença dos cães, o que ajuda a reduzir a ansiedade inicial e promove uma conexão sensorial suave. Esse pátio, iluminado e ventilado naturalmente, funciona como área de treinamento.

Foram projetadas também salas de treinamento específicas, ambientes simulados para que os cães possam se preparar para situações reais antes de enfrentar o ambiente urbano. Uma farmácia, uma loja de roupas, espaços genéricos que servem para treinar desvio de obstáculos, circulação entre pessoas, reconhecimento de portas e plataformas, e organização espacial. Um ambiente residencial simula a sala de TV de uma casa comum, com móveis, tapetes e elementos domésticos. O espaço urbano interno,

talvez uma das partes mais representativas do projeto, conta com calçadas de diferentes texturas, postes, mobiliário urbano e até réplicas dos tradicionais tubos e ônibus de Curitiba. Essa simulação permite que tanto o cão quanto o futuro usuário vivenciam, com segurança, situações que encontrarão na cidade real.

A área de convivência entre os studios e quartos e o refeitório, complementam o conjunto como espaço democrático de descanso e socialização. É ali que famílias socializadoras, instrutores, usuários e cães se encontram, trocam experiências e constroem uma rede de apoio que se torna essencial durante o processo de adaptação.

Ao final, o projeto se consolida como um centro que dialoga profundamente com as necessidades humanas e urbanas envolvidas. Ele nasce de dados concretos, evolui por meio de reflexões sensíveis e se completa na proposta arquitetônica que integra técnica, acolhimento e autonomia. A edificação térrea, os estímulos sensoriais cuidadosamente planejados, os ambientes de simulação e a presença viva do pátio central transformam o centro em um ambiente de reconstrução da independência, da confiança e da relação com o mundo.

Mais do que um local de treinamento, o Centro de Treinamento para Cães-Guia de Curitiba se configura como um espaço de transformação. É um lugar onde arquitetura, empatia e responsabilidade social se encontram para oferecer às pessoas com deficiência visual a possibilidade concreta de retomar sua liberdade, passo a passo, ao lado de um cão que se torna parceiro, guia e amigo para uma vida inteira.

3 CONCLUSÃO

A partir das análises realizadas, considera-se que a implantação de um Centro de Treinamento para cães-guia em Curitiba (PR) e região revela-se significativa na promoção da autonomia, conforme a demanda por serviços de orientação e mobilidade para pessoas com deficiência visual. Ao longo deste estudo, foi possível compreender que a quantidade de usuários que necessitam desse recurso supera amplamente o número de animais atualmente em treinamento, evidenciando a importância de um espaço especializado que atenda à realidade local.

De modo geral, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que se confirmou a relevância de um centro capaz de oferecer não apenas segurança e autonomia, mas também suporte emocional aos futuros usuários, elementos essenciais para que possam exercer sua cidadania de forma plena. A discussão empreendida demonstrou, ainda, que a criação desse espaço contribui para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente no que concerne à promoção da igualdade e da inclusão social.

Conclui-se, portanto, que a proposta apresentada representa um importante passo em direção ao fortalecimento da rede de apoio às pessoas com deficiência visual. A reflexão desenvolvida ampliou a compreensão acerca das necessidades existentes e reforçou a importância de iniciativas que promovam acessibilidade e dignidade. Assim, acredita-se que este trabalho

colabora para a construção de perspectivas futuras mais inclusivas, oferecendo subsídios para ações que possam transformar positivamente a realidade dessa população.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.904, de 21 de setembro de 2006. Regulamenta a Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005, que dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhada de cão-guia. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 22 set. 2006. Disponível em: [BRASIL. Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005. Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Brasília: Casa Civil, 2005. Acesso em: 25 mar. 2025.](#). Acesso em: 1 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. *MCTI entrega cães-guias para pessoas com deficiência visual*. 15 dez. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2023/12/mcti-entrega-caes-guias-para-pessoas-com-deficiencia-visual>. Acesso em: 22 nov. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010: pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

MEEKS, Rachel K.; ANDERSON, Jackie; BELL, Paul M. *Fisiologia da Orientação Espacial*. 14 ago. 2023. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK518976/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 22 nov. 2025.

TEIXEIRA, Anthony. Entenda a importância de cães-guias na rotina de deficientes visuais. *ACidade ON – Tudo Pets*, 23 maio 2023 (atualizado em 17 jan. 2024). Disponível

em:<<https://www.acidadeon.com/tudoep/tudo-pet/entenda-a-importancia-de-caes-guias-na-rotina-de-deficientes-visuais/>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

Sobre o(s) autor(es)

Julia Parisoto Cury

Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Juliana Aparecida Biasi

Mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2018); Especialização em Engenharia e Gestão de Projetos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2011); Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2007).

Docente no curso de arquitetura e urbanismo da Unoesc.

juliana.biasi@unoesc.edu.br

Jeferson Eduardo Suckow

Mestrando pelo programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Especialista em Planejamento Urbano, e Especialista em Geopolítica e Educação Ambiental (2004) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2021). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000).

Docente no curso de arquitetura e urbanismo da Unoesc.

jeferson.suckow@unoesc.edu.br

Tatiana Bruna Fabian

Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2022)

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2018)

Docente no curso de arquitetura e urbanismo da Unoesc .

tatiana.fabian@unoesc.edu.br